

Confiança da indústria gaúcha continua em expansão

Rio Grande do Sul cai para a 8ª posição no ranking de competitividade

Estiagem e pandemia provocam queda histórica no PIB do RS

O fim do ciclo de cortes na Selic e os próximos passos do Copom

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Confiança da indústria gaúcha continua em expansão

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS), divulgado pela FIERGS, subiu pelo quarto mês seguido em setembro e chegou a 65,2 pontos, 8,5 acima de agosto. O índice recuperou 33,2 pontos no período e fica a somente 1,7 de fevereiro. Variando de zero a 100 pontos, o ICEI/RS acima de 50 mostra que os empresários estão confiantes.

O ICEI/RS é composto pelas avaliações das condições atuais e pelas expectativas dos empresários, ambas em relação à economia brasileira e à empresa.

O Índice de Condições Atuais cresceu 11,7 pontos ante agosto e alcançou 59,4 em setembro. Acima de 50, pela primeira vez desde março passado, revela melhora, enquanto a forte alta demonstra que essa melhora foi substancial, tanto nas condições da economia brasileira, cujo índice avançou 12,2 pontos ante agosto e atingiu 54,6 em setembro, quanto nas condições das empresas, que cresceu de 50,4 para 61,8 pontos. A avaliação de melhora da economia mais que dobrou entre os empresários no período: de 21,1% para 44,3%.

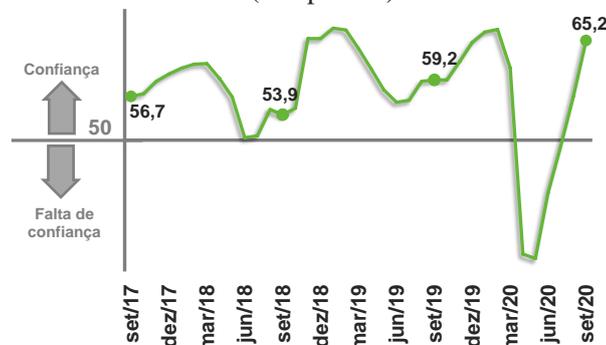
No quinto mês consecutivo de alta, o Índice de Expectativas para os próximos seis meses aumentou 6,9 pontos na comparação com agosto, para 68,1 pontos em setembro. Isso significa que o otimismo (marcas acima dos 50) ficou mais disseminado entre os empresários gaúchos. O componente referente à economia brasileira cresceu de 55,4 para 63,6 pontos, como reflexo do aumento de 43,1% para 61,1% na parcela de empresas

otimistas e da redução na de pessimistas de 19,1% para 10,0%. O Índice de Expectativas das Empresas é o componente da confiança de maior valor: 70,3 pontos, 6,2 a mais que agosto. Em setembro, 75,1% dos empresários estão otimistas com o futuro da empresa.

Os resultados do ICEI/RS em setembro, assim como a sua tendência positiva recente, estão associados ao retorno gradual da atividade econômica e da flexibilização das medidas de isolamento social no país. Mas também refletem, em boa parte, o cenário muito deteriorado dos meses anteriores, fato corroborado pelos níveis dos indicadores de atividade industrial, ainda distantes do período pré-pandemia no estado.

De qualquer forma, a forte recuperação da confiança sinaliza que, mesmo diante de um quadro de grande incerteza, a indústria gaúcha deve manter a trajetória de crescimento no restante do ano.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Rio Grande do Sul cai para a 8ª posição no ranking de competitividade

O Centro de Liderança Pública (CLP) publicou a atualização do seu Ranking de Competitividade dos Estados de 2020. O estudo analisa 73 indicadores e os divide em 10 pilares, para criar uma ferramenta objetiva e abrangente de comparação das 27 unidades da federação.

Em 2020, as três primeiras colocações continuaram com São Paulo, Santa Catarina e Distrito Federal. Os Estados do Amapá e do Maranhão foram aqueles que ganharam mais posições nesse ano, passando das posições 24ª e 26ª, em 2019, para 21ª e 23ª, em 2020, respectivamente.

O Rio Grande do Sul, ultrapassado por Minas Gerais, caiu da 7ª para a 8ª posição na comparação com o levantamento de 2019. As piores colocações do Estado foram nos pilares de Solidez fiscal (27ª), Infraestrutura (19ª), Capital Humano (17ª) e Potencial de mercado (17ª). Em relação à pesquisa anterior, a maior queda foi no pilar Segurança pública, no qual ficou na 9ª colocação, quatro abaixo do ano passado. Esse indicador foi influenciado pelo aumento no índice de roubos.

Ainda nos pilares, o único em que o Estado avançou no ranking foi no de Educação, em que avançou uma posição, atingindo a 10ª colocação. Esse indicador foi

influenciado pela melhora na taxa de atendimento infantil.

Desde o início da divulgação do estudo, em 2015, o RS tem oscilado entre a 9ª, pior posição em 2016, e 5ª posição em 2018. Os dois principais itens que impedem a melhora no ranking são a péssima situação fiscal e a infraestrutura deficiente. Esses itens estão intimamente ligados, uma vez que a crise nas finanças implica numa das menores taxas de investimentos entre os estados no período. Além disso, a carência de infraestrutura e a elevação da carga tributária ocorrida no período são fatores cruciais para a competitividade da indústria.

Ranking de Competitividade dos Estados

UF	2019	2020	UF	2019	2020
São Paulo	1	1	Alagoas	14	15
Santa Catarina	2	2	Rondônia	18	16
Distrito Federal	3	3	Pernambuco	17	17
Paraná	4	4	Bahia	20	18
Espírito Santo	6	5	Tocantins	19	19
Mato Grosso do Sul	5	6	Rio Grande do Norte	15	20
Minas Gerais	8	7	Amapá	24	21
Rio Grande do Sul	7	8	Sergipe	22	22
Mato Grosso	9	9	Maranhão	26	23
Ceará	12	10	Pará	25	24
Rio de Janeiro	10	11	Roraima	21	25
Goiás	13	12	Piauí	23	26
Paraíba	11	13	Acre	27	27
Amazonas	16	14			

Fonte: CLP.

Estiagem e pandemia provocam queda histórica no PIB do RS

O PIB do Rio Grande do Sul caiu 13,7% no segundo trimestre de 2020, na comparação com o trimestre anterior, com ajuste sazonal. Os dados são do Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE/Seplag-RS). A queda foi superior à observada em nível nacional (-9,7%), porém ambos os entes registraram a maior queda de suas respectivas séries históricas. Os três grandes setores da economia gaúcha recuaram: Agropecuária (-20,2%), Indústria (-15,9%) e Serviços (-9,1%), estes últimos também com contrações recordes. Os dados do segundo trimestre trazem os resultados do período mais intenso das restrições à atividade produtiva motivado pela pandemia, acentuados pela forte estiagem no período.

Em relação ao mesmo trimestre de 2019, a atividade entre abril e junho apresentou uma retração histórica de 17,1%, também com desempenho pior ao nacional (-11,4%) nessa base de comparação. Na análise setorial, o pior desempenho foi da Agropecuária (-39,4%), que sofreu bastante com os efeitos da estiagem durante o segundo trimestre, puxada principalmente pela soja (-39,3%) e milho (-27,7%), mas compensada pelo desempenho do arroz (+8,3%). O setor de Serviços (-9,9%) apresentou queda recorde em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, devido à retração no Comércio (-11,6%).

A Indústria (-19,3%) também registrou a maior queda da série histórica, iniciada em 2002, na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior.

No segundo trimestre do ano, todas as atividades da indústria apresentaram queda, o que explica o péssimo desempenho do setor. Destaca-se o forte impacto negativo de Veículos automotores (-70,2%) e Couro e calçados (-50,0%), setores mais afetados pelas restrições provocadas pela Covid-19.

Entre os oito Estados que já divulgaram resultados, o resultado do 2ºtrim.20/2ºtrim.19 do RS foi de longe o pior (MG: -11,2%, SP: -6,5%, BA: -8,7%). Apesar do desempenho muito ruim, é fato que o pior já passou. Os dados mais recentes já mostram que a economia está se recuperando e a produção está sendo retomada. Porém, com a diminuição dos incentivos do governo e um inevitável aumento da taxa de desemprego no médio prazo, também é fato que o caminho para recuperação será bem desafiador.

PIB do RS –Var. % real

	2ºtrim20/ 1ºtrim20*	2ºtrim20/ 2ºtrim19	Acum. em 4
PIB	-13,7	-17,1	-5,6
Agropecuária	-20,2	-39,4	-26,8
Indústria	-15,9	-19,3	-7,2
Extrativa mineral	-1,0	-1,5	-4,0
Transformação	-11,6	-19,5	-7,0
SIUP	-13,1	-28,1	-13,2
Construção civil	-6,2	-12,6	-4,1
Serviços	-9,1	-9,9	-2,0

Fonte: DEE/Seplag. *Com ajuste sazonal.

O fim do ciclo de cortes na Selic e os próximos passos do Copom

Na última quarta-feira, o Comitê de Política Monetária (Copom) manteve a taxa básica de juros em 2,00%. A decisão pela manutenção interrompeu uma sequência de cortes da Selic, iniciado em julho de 2019, quando a taxa estava em 6,5%.

A decisão já era esperada pelo mercado. De fato, o momento prescreve cautela pois, de um lado, as políticas de transferência de renda e creditícias podem manter a demanda aquecida, pressionando os preços. Por outro lado, a maior ociosidade da economia devido à crise pode segurar o nível de preços em um patamar baixo. Mas mesmo considerando esse cenário, a expectativa disseminada de manutenção era reforçada pela postura adotada pelo Comitê ainda na reunião de agosto. Na ata da referida reunião, o Copom comunicou a adoção de um instrumento adicional de política monetária, o qual denominou de “prescrição futura”, mais conhecido como “*forward guidance*” (FG).

O FG é uma indicação feita pela autoridade monetária acerca dos seus próximos passos. O objetivo desse instrumento é aumentar a efetividade da política monetária, por meio de uma comunicação mais clara com a sociedade. Em seu comunicado da última quarta-feira, assim como na ata de agosto, o Copom deixou claro que não tem intenção de elevar a taxa de juros, a

menos que as expectativas de inflação, hoje extremamente baixas, se aproximassem de suas respectivas metas de inflação de 2021 e 2022, o que permitiria uma redução no atual grau de estímulo monetário, por meio da elevação dos juros. Além disso, essa intenção é condicional à manutenção do teto de gastos e à ancoragem das expectativas de inflação.

A adoção do FG no momento atual ocorre, principalmente, por dois motivos. O primeiro deles é o fato da Selic já estar em um nível extremamente baixo, o que deixa um espaço remanescente pequeno para o afrouxamento da política monetária. O segundo é a intenção de ajustar as expectativas expressas na curva de juros, especialmente pela menor demanda por títulos da dívida de longa maturidade, movimento ocasionado tanto pela herança fiscal que a pandemia irá deixar quanto pela instabilidade em relação ao teto de gastos.

Como a expectativa atual* do mercado (3,0%) para a inflação está abaixo da meta para o ano (3,75%, ±1,5), ao passo que as expectativas para 2022 convergem para sua meta (3,50%, ±1,5), o maior risco em torno da trajetória da política monetária reside, atualmente, na fragilidade fiscal do País, acentuada pela incerteza quanto ao cumprimento da regra do teto em 2021.

*Boletim Focus 18/09/2020.